



Cecília Meireles —

# CECÍLIA MEIRELES

## OBRA POÉTICA

*Nota Editorial*

AFRÂNIO COUTINHO

*Poesia do Sensível e do Imaginário*

*Notícia Biográfica e Bibliografia*

DARCY DAMASCENO

*Fortuna Crítica*

MÁRIO DE ANDRADE, OSMAR PIMENTEL, CUNHA LEÃO,

JOSÉ PAULO MOREIRA DA FONSECA

MENOTTI DEL PICCHIA, NUNO DE SAMPAIO,

PAULO RÓNAL, MURILO MENDES, JOÃO GASPAR SIMÕES

*Xilogravuras de*

GRACIELA FUENSALIDA



Sérgio Alcides

presente da  
Valência



# ACIUM AGAV

DESPEDIDA



## RITMO

O ritmo em que gemo  
doçuras e mágoas  
é um dourado remo  
por douradas águas.

Tudo, quando passo,  
olha-me e suspira.  
— Será meu compasso  
que tanto os admira?

## EPITÁFIO DA NAVEGADORA

A Gastón Figueira

SE TE PERGUNTAREM quem era  
essa que às areias e gelos  
quis ensinar a primavera;

e que perdeu seus olhos pelos  
mares sem deuses desta vida,  
sabendo que, de assim perdê-los,

ficaria também perdida;  
e que em algas e espumas presa  
deixou sua alma agradecida;

essa que sofreu de beleza  
e nunca desejou mais nada;  
que nunca teve uma surpresa

em sua face iluminada,  
dize: "Eu não pude conhecê-la,  
sua história está mal contada,

mas seu nome, de barca e estrela,  
foi: "SERENA DESESPERADA".



## O REI DO MAR

MUITAS VELAS. Muitos remos.  
 Âncora é outro falar...  
 Tempo que navegaremos  
 não se pode calcular.  
 Vimos as Plêiades. Vemos  
 agora a Estrela Polar.  
 Muitas velas. Muitos remos.  
 Curta vida. Longo mar.

Por água brava ou serena  
 deixamos nosso cantar,  
 vendo a voz como é pequena  
 sobre o comprimento do ar.  
 Se alguém ouvir, temos pena:  
 só cantamos para o mar...

Nem tormenta nem tormento  
 nos poderia parar.  
 (Muitas velas. Muitos remos.  
 Âncora é outro falar.)  
 Andamos entre água e vento  
 procurando o Rei do Mar.

## MAR EM REDOR

MEUS OUVIDOS estão como as conchas, sonoras:  
 música perdida no meu pensamento,  
 na espuma da vida, na areia das horas...

Esqueceste a sombra no vento.  
 Por isso, ficaste e partiste,  
 e há finos deltas de felicidade  
 abrindo os braços num oceano triste.

Soltei meus anéis, nos aléns da saudade.  
 Entre algas e peixes vou flutuando a noite inteira.  
 Almas de todos os afogados  
 chamam para diversos lados  
 esta singular companhia.

## PEQUENA CANÇÃO DA ONDA

OS PEIXES de prata ficaram perdidos,  
 com as velas e os remos, no meio do mar.  
 A areia chamava, de longe, de longe,  
 ouvia-se a areia chamar e chorar!

A areia tem rosto de música  
 e o resto é tudo luar!

Por ventos contrários, em noite sem luzes,  
 do meio do oceano deixei-me rolar!  
 Meu corpo sonhava com a areia, com a areia,  
 desprendi-me do mundo do mar!

Mas o vento deu na areia.  
 A areia é de desmanchar.  
 Morro por seguir meu sonho,  
 longe do reino do mar!

## CANÇÃO DA MENINA ANTIGA

A. Diogo de Macedo

ESTA É a dos cabelos louros  
 e da roupinha encarnada,  
 que eu via alimentar pombos,  
 sentadinha numa escada.

Seus cabelos foram negros,  
 seus vestidos de outras cores,  
 e alimentou, noutros tempos,  
 a corvos devoradores.

Seu crânio estará vazio,  
 seus ossos sem vestimenta,  
 — e a terra haverá sabido  
 o que ela ainda alimenta.

Talvez Deus veja em seus sonhos  
 — ou talvez não veja nada —  
 que essa é a dos cabelos louros  
 e da roupinha encarnada,



que do alto degrau do dia  
às covas da noite, escuras,  
desperdiçou sua vida  
pelas outras criaturas...

### REGRESSO

A L. F. Xammar

(CAMPO perdido.  
Músicas suspirando,  
ai! sem meu ouvido!)

Bois esperam, mirando:  
corpo cheio de céu, luas  
nos olhos recordativos.

Rodas, charruas,  
sol, abelhas...  
Colar de prata dos rios  
sobre gargantas vermelhas.

(Eu andava batalhando  
— ai! como andei batalhando! —  
com mortos e vivos,  
campo!)

Levai-me a esses longes verdes,  
cavalos do vento!  
Pois o tempo está chorando  
por não ver colhido  
meu contentamento!

### EPIGRAMA

A SERVIÇO da Vida fui,  
a serviço da Vida vim;

só meu sofrimento me instrui,  
quando me recordo de mim.

(Mas toda mágoa se dilui:  
permanece a Vida sem fim.)

### AGOSTO

SOPRA, VENTO, sopra, vento,  
ai, vento do mês de agosto,  
passa por sobre meu rosto  
e sobre o meu pensamento.  
Vai levando meu desgosto!

Lança destes altos montes  
às frias covas do oceano  
meu sonho sem horizontes,  
claro, puro e sobre-humano.

Sem saudade mais nenhuma  
te ofereço meus segredos,  
para serem flor de espuma  
que a praia mova em seus dedos,  
quando se vestir de bruma...

Mova entre a lua inconstante  
e a inconstantíssima areia,  
que todo o mundo assim creia  
meu sonho morto e distante,  
morto, distante, acabado,  
ó vento do céu profundo!  
que tudo é bom, no passado,  
que nos fez sofrer, no mundo,  
ao ter de ser suportado...

### MÚSICA

DO LADO de oeste,  
do lado do mar,  
há rosas silvestres  
para respirar,  
e o chão se reveste  
de musgos de luar.

Do lado de oeste,  
do lado do mar,  
há um suave cipreste  
para me embalar.  
Pássaros celestes  
me virão cantar.



Coração sem mestre,  
sonho sem lugar,  
quem há que me empreste  
barco de embarcar?

Do lado de oeste,  
do lado do mar,  
descerei com Vésper  
até me encantar:  
Quero estar inerte,  
sob a chuva e o luar.

Tu, que me fizeste,  
me virás buscar,  
do lado de oeste,  
do lado do mar?

### CANÇÃO EXCÊNTRICA

ANDO À PROCURA de espaço  
para o desenho da vida.  
Em números me embaraço  
e perco sempre a medida.  
Se penso encontrar saída,  
em vez de abrir um compasso,  
projeto-me num abraço  
e gero uma despedida.

Se volto sobre o meu passo,  
é já distância perdida.

Meu coração, coisa de aço,  
começa a achar um cansaço  
esta procura de espaço  
para o desenho da vida.  
Já por exausta e descrida  
não me animo a um breve traço:  
— saudosa do que não faço,  
— do que faço, arrependida.

### CANÇÃO QUASE INQUIETA

DE UM LADO, a eterna estrela,  
e do outro a vaga incerta,

meu pé dançando pela  
extremidade da espuma,  
e meu cabelo por uma  
planície de luz deserta.

Sempre assim:  
de um lado, estandartes do vento...  
— do outro, sepulcros fechados.  
E eu me partindo, dentro de mim,  
para estar no mesmo momento  
de ambos os lados.

Se existe a tua Figura,  
se és o Sentido do Mundo,  
deixo-me, fujo por ti,  
nunca mais quero ser minha!

(Mas, neste espelho, no fundo  
desta fria luz marinha,  
como dois baços peixes,  
nadam meus olhos à minha procura...  
Ando contigo — e sozinha.  
Vivo longe — e acham-me aqui...)

Fazedor da minha vida,  
não me deixes!  
Entende a minha canção!  
Tem pena do meu murmúrio,  
reúne-me em tua mão!

Que eu sou gota de mercúrio,  
dividida,  
desmançada pelo chão...

### VIGILIA DO SENHOR MORTO

TEU ROSTO PASSAVA, teu nome corria  
por esses lugares do sol e da lua.  
Como se contava a tua biografia!

E eu, pela esperança de poder ser tua,  
como vim de longe, teimando com a terra,  
deixando suspiros para cada rua!

Guerreiro cortado de injúrias de guerra  
não trouxe consigo nenhuma ferida  
como esta que tenho e que já se não cerra.



Por tanta subida, por tanta descida,  
aqui dou contigo, no teu morto leito,  
eu, que vim por ti salvando a minha vida!

Fria sombra, apenas, teu rosto perfeito.  
Covas de cegueira, teus olhos, apenas.  
Muro de silêncio teu tombado peito.

Sangue que tiveste, por perdidas cenas  
derramou-se, longe, e é pó do pó sem glória,  
preso no destino das coisas terrenas.

Por que serei triste com a minha memória,  
diante do teu corpo sem auréolas? Triste  
pela minha viagem? pela tua história?

Este é o Senhor Morto — e este, somente, existe.

Noite de vigília, sem mais esperança,  
alguma coisa em mim o assiste  
que não se vai, que não se cansa.

## VIAGEM

NO PERFUME dos meus dedos,  
há um gosto de sofrimento,  
como o sangue dos segredos  
no gume do pensamento.

Por onde é que vou?

Fechei as portas sozinha.  
Custaram tanto a rodar!  
Se chamasse, ninguém vinha.  
Para que se há de chamar?

Que caminho estranho!

Eras coisa tão sem forma,  
tão sem tempo, tão sem nada...  
— arco-íris do meu dilúvio! —  
que nem podias ser vista  
nem quase mesmo pensada.  
Ninguém mais caminha?

A noite bebeu-te as cores  
para pintar as estrelas.  
Desde então, que é dos meus olhos?  
Voaram de mim para as nuvens,  
com redes para prendê-las.

Quem te alcançará?

Dentro da noite mais densa,  
navegarei sem rumores,  
seguindo por onde fores  
como um sonho que se pensa.

Por onde é que vou?

## EPIGRAMA DO ESPELHO INFIEL

*A João de Castro Osório*

ENTRE O DESENHO do meu rosto  
e o seu reflexo,  
meu sonho agoniza, perplexo.

Ah! pobres linhas do meu rosto,  
desmanchadas do lado oposto,  
e sem nexos!

E a lágrima do seu desgosto  
sumida no espelho convexo!

## EXÍLIO

DAS TUAS ÁGUAS tão verdes  
nunca mais me esquecerei.  
Meus lábios mortos de sede  
para as ondas inclinei.  
Romperam-se em teus rochedos:  
só bebi do que chorei.

Perderam-se os meus suspiros  
desanimados, no vento.  
Recordo tanto o martírio  
em que andou meu pensamento!  
E meus sonhos ainda giram  
como naquele momento.



Os marinheiros cantavam.  
Ai, noite do mar nascida!  
Estrelas de luz instável  
saíam da água perdida.

Pousavam como assustadas  
em redor da minha vida.

Dos teus horizontes quietos  
nunca mais me esquecerei.  
Por longe que ande, estou perto.  
Toda em ti me encontrarei.  
Foste o campo mais funesto  
por onde me dissipei.

Remos de sonho passavam  
por minha melancolia.  
Como um naufrago entre os salvos,  
meu coração se volvia.  
— Mas nem sombra de palavras  
houve em minha boca fria.

Não rogava. Não chorava.  
Unicamente morria.

### CANÇÃO DO CAMINHO

POR AQUI VOU sem programa,  
sem rumo,  
sem nenhum itinerário.  
O destino de quem ama  
é vário,  
como o trajeto do fumo.

Minha canção vai comigo.  
Vai doce.  
Tão sereno é seu compasso  
que penso em ti, meu amigo.  
— Se fosse,  
em vez da canção, teu braço!

Ah! mas logo ali adiante  
— tão perto! —  
acaba-se a terra bela.  
Para este pequeno instante,  
decerto,  
é melhor ir só com ela.

(Isto são coisas que digo,  
que invento,  
para achar a vida boa...  
A canção que vai comigo  
é a forma de esquecimento  
do sonho sonhado à toa...)

### O RESSUSCITANTE

*A Ester de Cáceres*

MEUS PÉS, minhas mãos,  
meu rosto, meu flanco,  
— fogo de papoulas!  
E hoje, lírio branco!  
Pela minha boca,  
por minhas olheiras,  
— arroios partidos!  
E hoje, albas inteiras!

Eu era o guardado  
de sinistras covas!  
E hoje visto nuvens  
cândidas e novas!

Vi apodrecendo,  
com dor, sem lamento,  
meu corpo, meu sonho  
e meu pensamento!

E hoje, sou levado  
por entre as caídas  
coisas, — transparente!

(Aroma sem nardo!  
Fuga sem violência!)

E de cada lado  
choram doloridas  
mãos de antiga gente.



## RECORDAÇÃO

AGORA, o cheiro áspero das flores  
leva-me os olhos por dentro de suas pétalas.

Eram assim teus cabelos;  
tuas pestanas eram assim, finas e curvas.

As pedras limosas, por onde a tarde ia aderindo,  
tinham a mesma exalação de água secreta,  
de talos molhados, de pólen,  
de sepulcro e de ressurreição.

E as borboletas sem voz  
dançavam assim veludosamente.

Restitui-te na minha memória, por dentro das flores!  
Deixa virem teus olhos, como besouros de ônix,  
tua boca de malmequer orvalhado,  
e aquelas tuas mãos dos inconsoláveis mistérios,  
com suas estrelas e cruzeiros,  
e muitas coisas tão estranhamente escritas  
nas suas nervuras nítidas de folha,  
— e incompreensíveis, incompreensíveis.

## INSCRIÇÃO NA AREIA

O MEU AMOR não tem  
importância nenhuma.  
Não tem o peso nem  
de uma rosa de espuma!

Desfolha-se por quem?  
Para quem se perfuma?

O meu amor não tem  
importância nenhuma.

## CANÇÕES DO MUNDO ACABADO

1

MEUS OLHOS andam sem sono,  
somente por te avistarem  
de uma tão grande distância.

De altos mastros ainda rondo  
tua lembrança nos ares.  
O resto é sem importância.

Certamente, não há nada  
de ti, sobre este horizonte,  
desde que ficaste ausente.

Mas é isso o que me mata:  
sentir que estás não sei onde,  
mas sempre na minha frente.

Não acredites em tudo  
que disser a minha boca  
sempre que te fale ou cante.

Quando não parece, é muito,  
quando é muito, é muito pouco,  
e depois nunca é bastante...

Foste o mundo sem ternura  
em cujas praias morreram  
meus desejos de ser tua.

A água salgada me escuta  
e mistura nas areias  
meu pranto e o pranto da lua.

Penso no que me dizias,  
e como falavas, e como te rias...  
Tua voz mora no mar.

A mim não fizeste rir  
e nunca viste chorar.

(Porque o tempo sempre foi  
longo para me esqueceres  
e curto para te amar.)

## CANÇÃO QUASE MELANCÓLICA

PAREI AS ÁGUAS do meu sonho  
para teu rosto se mirar.  
Mas só a sombra dos meus olhos  
ficou por cima, a procurar...



Os pássaros da madrugada  
não têm coragem de cantar,  
vendo o meu sonho interminável  
e a esperança do meu olhar.

Procurei-te em vão pela terra,  
perto do céu, por sobre o mar.  
Se não chegas nem pelo sonho,  
por que insisto em te imaginar?

Quando vierem fechar meus olhos,  
talvez não se deixem fechar.  
Talvez pensem que o tempo volta,  
e que vens, se o tempo voltar.

### A DOCE CANÇÃO

*A Christina Christie*

PUS-ME A CANTAR minha pena  
com uma palavra tão doce,  
de maneira tão serena,  
que até Deus pensou que fosse  
felicidade — e não pena.

Anjos de lira dourada  
debruçaram-se da altura.  
Não houve, no chão, criatura  
de que eu não fosse invejada,  
pela minha voz tão pura.

Acordei a quem dormia,  
fiz suspirarem defuntos.  
Um arco-íris de alegria  
da minha boca se erguia  
pondo o sonho e a vida juntos.

O mistério do meu canto,  
Deus não soube, tu não viste.  
Prodígio imenso do pranto,  
— todos perdidos de encanto,  
só eu morrendo de triste!

Por assim tão docemente  
meu mal transformar em verso,  
oxalá Deus não o aumente,  
para trazer o Universo  
de pólo a pólo contente!

### A MULHER E A TARDE

O DENSO LAGO e a terra de ouro:  
até hoje penso nessa luz vermelha  
envolvendo a tarde de um lado e de outro.

E nas verdes ramas, com chuvas guardadas,  
e em nuvens beijando os azuis e os roxos.

Até hoje penso nas rosas de areia,  
nos ventos de vidro, nos ventos de prata,  
cheios de um perfume quase doloroso.

Perguntava a sombra: "Que há pelo teu rosto?"  
"Que há pelos teus olhos?" — a água perguntava.

E eu pisando a estrada, e eu pisando a estrada,  
vendo o lago denso, vendo a terra de ouro,  
com pingos de chuva numa luz vermelha.

E eu não respondendo nada.  
Sonho muito, falo pouco.  
Tudo são riscos de louco  
e estrelas da madrugada.

### CANÇÃO DE ALTA NOITE

ALTA NOITE, lua quieta,  
muros frios, praia rasa.

Andar, andar, que um poeta  
não necessita de casa.

Acaba-se a última porta.  
O resto é o chão do abandono.

Um poeta, na noite morta,  
não necessita de sono.



Andar... Perder o seu passo  
na noite, também perdida.

Um poeta, à mercê do espaço,  
nem necessita de vida.

Andar... — enquanto consente  
Deus que seja a noite andada.

Porque o poeta, indiferente,  
anda por andar — somente.  
Não necessita de nada.

### PARTIDA

Do TRIGO semeado, da fonte bebida,  
do sono dormido, vou sendo levada.

Os outros não sentem que estou de partida,  
sem mapa, sem guia — com data marcada.

No estrondo das guerras, que valem meus pulsos?  
No mundo em desordem, meu corpo que adianta?  
A quem fazem falta, nos campos convulsos,  
meus olhos que pensam, meu lábio que canta?

Por dentro das pedras, das nuvens, dos mares,  
cruzando com as águias, os mortos, os peixes,  
vou sendo levada para outros lugares,  
ó mundo sem deuses, sem sonhos, sem lares!  
embora me prendas, para que me deixes!

### EMBALO DA CANÇÃO

QUE A VOZ adormeça  
que canta a canção!  
Nem o céu floresça  
nem floresça o chão.

(Só — minha cabeça,  
só — meu coração.  
Solidão.)

Que não alvoreça  
nova ocasião!  
Que o tempo se esqueça  
de recordação!

(Nem minha cabeça  
nem meu coração.  
Solidão!)

### EM VOZ BAIXA

SEMPRE que me vou embora  
é com silêncio maior.

As solidões deste mundo  
conheço-as todas de cor.

Desse-me a sorte um cavalo,  
ou um barco em cima do mar!  
Relincho ou marulho — alguma  
coisa que me acompanhar!

Mas não. Sempre mais comigo  
vou levando os passos meus,  
até me perder de todo  
no indeterminado Deus.

### CANÇÃO SUSPIRADA

POR QUE DESEJAR libertar-me,  
se é tão bom não ver o teu rosto,  
se ando em meu sonho como, num rio,  
alguém que é feliz e está morto?

Por que pensar em qualquer coisa,  
se tudo está sobre a minha alma:  
vento, flores, águas, estrelas,  
e músicas de noite e albas?

Nos céus em sombra, há fontes mansas  
que em silêncio e esquecida bebo.  
Flui o destino em minha boca  
e a eternidade entre os meus dedos...



Por que fazer o menor gesto,  
se nada sei, se nada sofro,  
se estou perdida em mim, tão perdida  
como o som da voz no seu sopro?

### LEMBRANÇA RURAL

CHÃO VERDE e mole. Cheiros de selva. Babas de lodo.  
A encosta barrenta aceita o frio, toda nua.  
Carros de bois, falas ao vento, braços, foices.  
Os passarinhos bebem do céu pingos de chuva.

Casebres caindo, na erma tarde. Nem existem  
na história do mundo. Sentam-se à porta as mães descalças.  
É tão profundo, o campo, que ninguém chega a ver que é triste.  
A roupa da noite esconde tudo, quando passa...

Flores molhadas. Última abelha. Nuvens gordas.  
Vestidos vermelhos, muito longe, dançam nas cercas.  
Cigarra escondida, ensaiando na sombra rumores de bronze.  
Debaixo da ponte, a água suspira, presa...

Vontade de ficar neste sossego toda a vida;  
bom para ver de frente os olhos turvos das palavras,  
para andar à toa, falando sozinha,  
enquanto as formigas caminham nas árvores...

### DESCRIÇÃO

AMANHECEU pela terra  
um vento de estranha sombra,  
que a tudo declarou guerra,

Paredes ficaram tortas,  
animais enlouqueceram  
e as plantas caíram mortas.

O pálido mar tão branco  
levantava e desfazia  
um verde-lívido flanco.

E pelo céu, tresmalhadas,  
iam nuvens sem destino,  
em fantásticas brigadas.

Dos linhos claros da areia  
fez o vento retorcidas,  
rotas, miseráveis teias.

Que sopro de ondas estranhas!  
Que sopro nos cemitérios!  
pelos campos e montanhas!

Que sopro forte e profundo!  
Que sopro de acabamento!  
Que sopro de fim de mundo!

Da varanda do colégio,  
do pátio do sanatório,  
miravam tal sortilégio

olhos quietos de meninos,  
com esperanças humanas  
e com terrores divinos.

A tardinha serenada  
foi dormindo, foi dormindo,  
despedaçada e calada.

Só numa ruiva amendoeira  
uma cigarra de bronze,  
por brio de cantadeira,  
girava em esquecimento  
à sanha enorme do vento,  
forjando o seu movimento  
num grave cântico lento...

### VELHO ESTILO

CORPO MÁRTIR, conheço o teu mérito obscuro:  
tu soubeste ficar imóvel como o firmamento,  
para deixar passar as estrelas do espírito,  
ardendo no seu fogo e voando no seu vento.

Corpo mártir que és dor, que és transe, que és silêncio,  
e onde, obediente, vai batendo o coração,  
sei que foste esquecido e, quando um dia te acabares,  
não é por ti que os olhos chorarão.



Ninguém viu que tu foste o solo e o oceano dócil  
que sustentou jardins e embalou tanta viagem,  
que distribuiu o amor, e mostrou a beleza,  
dando e buscando sempre a sua própria imagem.

Um dia tu serás símbolo, idéia, sonho,  
tudo o que agora apenas eu compreendo que és:  
porque um dia virá que, nesta marcha do infinito,  
alguém se lembrará que o mais alto dos cânticos  
pousou, na terra, sobre uns pobres pés.

### VELHO ESTILO

COISA QUE PASSAS, como é teu nome?  
De que inconstâncias foste gerada?  
Abri meus braços para alcançar-te:  
fechei meus braços, — não tinha nada!

De ti só resta o que se consome.  
Vais para a morte? Vais para a vida?  
Tua presença nalguma parte  
é já sinal da tua partida.

E eu disse a todos desse teu fado,  
para esquecerem teu chamamento,  
saberem que eras constituída  
da errante essência da água e do vento.

Todos quiseram ter-te, malgrado  
prenúncios tantos, tantas ameaças.  
Grande, adorada desconhecida,  
como é teu nome, coisa que passas?

Pisando terras e firmamento,  
com um ar de exausta gente dormida,  
abandonaram termos tranqüilos,  
portas abertas, áreas de vida.

E eu, que anunciei o acontecimento,  
fui atrás deles, com insegurança,  
dizendo que ia por dissuadi-los,  
mas sendo a sua mesma esperança.

No ardente nível desta experiência,  
sem rogo, lágrima nem protesto,  
tudo se apaga, preso em sigilos:  
mas no desenho do último gesto,

há mãos de amor para a tua ausência.  
E esse é o vestígio que não se some:  
resto de todos, teu próprio resto.  
— Coisa que passas, como é teu nome?

### CANÇÃO MÍNIMA

No MISTÉRIO do Sem-Fim,  
equilibra-se um planeta.

E, no planeta, um jardim,  
e, no jardim, um canteiro;  
no canteiro, uma violeta,  
e, sobre ela, o dia inteiro,  
entre o planeta e o Sem-Fim,  
a asa de uma borboleta.

### A VIZINHA CANTA

DE QUE ONDA sai tua voz,  
que ainda vem úmida e trêmula,  
— corpo de cristal,  
— coração de estrela...?

Tua voz, planta marinha;  
árvore crespa e orvalhada:  
— ramos transparentes,  
— folhas de prata?...

E de onde vai resvalando  
um puro, límpido orvalho:  
— durável resina,  
— dolorida lágrima...?

### PEQUENA CANÇÃO

PÁSSARO da lua,  
que queres cantar,  
nessa terra tua,  
sem flor e sem mar?

A J. A. Hernández



Nem osso de ouvido  
pela terra tua.  
Teu canto é perdido,  
pássaro da lua...

Pássaro da lua,  
por que estás aqui?  
Nem a canção tua  
precisa de ti!

### CANÇÃOZINHA DE NINAR

O MAR o convalescente mira.  
— Que pena, que pena no seu mirar! —  
Como quem namora, suspira,  
e quem tem medo de se enamorar.

Água, que pareces um ramo de flores,  
o nome dos humanos amores  
mora na espuma do mar...

O céu o convalescente mira.  
— Que pena, que pena no seu mirar! —  
Como quem vai morrer, suspira,  
e quem tem medo de ressuscitar.

Nuvem, que pareces um ramo de flores,  
o nome dos humanos amores  
mora no hálito do ar...

### EMBALO

ADORMEÇO EM TI minha vida,  
— flor de sombra e de solidão —  
da terra aos céus oferecida  
para alguma constelação.

Não pergunto mais o motivo,  
não pergunto mais a razão  
de viver no mundo em que vivo,  
pelas coisas que morrerão.

Adormeço em ti minha vida,  
imóvel, na noite, e sem voz.  
A lua, em meu peito perdida,  
vê que tudo em mim somos nós.

Nós! — E no entanto eu sei que estão  
brotando pela noite lisa  
as lágrimas de uma canção  
pelo que não se realiza...

### PONTE

FRÁGIL ponte:

arco-íris, teia  
de aranha, gaze  
de água, espuma,  
nuvem, luar.

Quase nada:  
quase  
a morte.

Por ela passeia,  
passeia,  
sem esperança nenhuma,  
meu desejo de te amar.

Céu que miro?

— alta neblina.  
Longo horizonte,  
— mas só de mar.

E esta ponte  
que se arqueia  
como um suspiro,  
— tênue renda cristalina —  
será possível que transporte  
a algum lugar?

Por ela passeia,  
passeia  
meu desejo de te amar.

Em franjas de areia,  
chegada do fundo  
lânguido do mundo,  
às vezes, uma sereia  
vem cantar.  
E em seu canto te nomeia.



Por isso, a ponte se alteia,  
e para longe se lança,  
nessa frágil teia,  
— invisível, fina  
renda cristalina  
que a morte balança,  
torna a balançar...

(Por ela passeia  
meu desejo de te amar.)

### VISITANTE

QUEM DESCE ao adormecimento  
que me envolve e em que me perco,  
feito um vento abrindo um cerco  
de penumbras, num jardim,  
e toca o meu pensamento  
com uma lâmina de aurora,  
e escreve-me, indo-me embora:  
"Vive! e lembra-te de mim?"

Quem, do mar do esquecimento,  
busca areias de lembrança,  
mas tão sem força e esperança  
que outra vez volve ao seu fim,  
mira seu rosto, um momento,  
à luz do meu sonho triste,  
compreende que não existe,  
e pergunta: "Por que vim?"

### GAITA DE LATA

SE O AMOR ainda medrasse,  
aqui ficava contigo,  
pois gosto da tua face,  
desse teu riso de fonte,  
e do teu olhar antigo  
de estrela sem horizonte.

Como, porém, já não medra,  
cada um com a sorte sua!

(Não nascem lírios de lua  
pelos corações de pedra...)

### DESPEDIDA

ADEUS,  
que é tempo de marear!

Por que procuram pelos olhos meus  
rastros de choro,  
direções de olhar?

Quem fala em praias de cristal e de ouro,  
abrindo estrelas nos aléns do mar?  
Quem pensa num desembarcadouro?  
— É hora, apenas, de marear.

Quem chama o sol? Mas quem procura o vento?  
e âncora? e bússola? e rumo e lugar?  
Quem levanta do esquecimento  
esses fantasmas de perguntar?

Lenço de adeuses, já perdi... Por onde?  
— na terra, andando, e só de tanto andar...  
Não faz mal. Que ninguém responde  
a um lenço movido no ar...

Perdi meu lenço e meu passaporte,  
— senhas inúteis de ir e chegar.

Quem lembra a fala da ausência  
num mundo sem correspondência?

Viajante da sorte na barca da sorte,  
sem vida nem morte...

Adeus,  
que é tempo de marear!

### TARDIO CANTO

CANTA O MEU nome agreste,  
cheio de espinhos  
o nome que me deste,  
quando andei nos teus caminhos.

Canta esse nome amargo,  
hoje perdido,  
no tempo largo,  
sem mais nenhum sentido.



Como esperei teu canto,  
noites e dias!  
Necessitava tanto!  
Tu não podias...

Ouço o teu grito ardente,  
cigarra do deserto!  
Mas já não sou mais gente...  
Não ando mais tão perto...

### CANTIGA DO VÉU FATAL

POR CAUSA do teu chapéu,  
por causa do teu vestido,  
vais matando teu marido.

Quem dirá que por um véu  
se arma tamanho alarido  
de ficar homem perdido!

Que se levanta um escarcéu,  
por esse fino tecido  
de alças de silêncio urdido!

Por causa do teu chapéu,  
por causa do teu vestido,  
vai morrendo teu marido!

Morre com cara de réu,  
pensando em cada pedido  
que tem de ser atendido.

Com isso, irá ter ao céu.  
E tu, de rosto garrido,  
haverás véu bem comprido!

Esse vai ser o troféu  
de tanto ai, tanto gemido,  
tanto tempo arrendido.

Porque, por esse chapéu,  
porque, por esse vestido,  
já está morto o teu marido.

Só não está num mausoléu:  
vai por teu braço, transido,  
mal-comido e mal-roupido.

E tu, de pluma e de véu,  
de lábio bem colorido,  
de anel e colar brunido,

brilhando no teu chapéu,  
cintilando em teu vestido,  
pelo braço ressequido  
do companheiro morrido!

### PERGUNTA

SE AMANHÃ perder o meu corpo,  
será possível que ainda venha,  
e que ao pé de ti me detenha  
como um levíssimo sopro?

E essa minha humilde presença  
te despertará como um grito?  
E pensarás no pálido, hirtó  
fantasma que ainda em ti pensa?

Ou teu sono será tão doce  
que o meu arrendido espectro,  
sofrendo por chegar tão perto,  
volte no vento que o trouxe?

Teu rosto é um jardim, na sombra.  
Teu sonho, flor sob a lua.  
Por aquela que foi tua,  
que orvalho em teus olhos tomba?

### SERENATA AO MENINO DO HOSPITAL

MENINO, não morras,  
porque a lua cheia  
vai-se levantando do mar.  
São de prata e de ouro  
as águas e a areia.  
Não morras agora,  
vem ver o luar!

Menino, não morras:  
na dormente mata,  
uma flor vai desabrochar.



É azul? É roxa?  
É de ouro? É de prata?  
Não morras agora!  
Vem ver o luar.

Menino, não morras:  
verdes vaga-lumes  
correm, num brilhante colar.  
São de prata e de ouro  
todos os perfumes.  
Não morras agora!  
Vem ver o luar.

Menino, não morras:  
ouve a serenata  
que sussurra nas cordas do ar...  
São cordas de sonho,  
são de ouro e de prata.  
Não morras agora!  
Vem ver o luar.

Menino, não morras:  
sobre o céu deserto,  
há uma estrela imensa a brilhar.  
É de prata e de ouro!  
Como está tão perto!  
Não morras agora,  
— que a estrela da aurora  
veio ver teu rosto  
banhado de luar!

### ALUNA

CONSERVO-TE o meu sorriso  
para, quando me encontrares,  
veres que ainda tenho uns ares  
de aluna do paraíso...

Leva sempre a minha imagem  
a submissa rebeldia  
dos que estudam todo o dia  
sem chegar à aprendizagem...

— e, de salas interiores,  
por altíssimas janelas,  
descobrem coisas mais belas,  
rindo-se dos professores...

Gastarei meu tempo inteiro  
nessa brincadeira triste;  
mas na escola não existe  
mais do que pena e tinteiro!

E toda a humana docência  
para inventar-se um ofício  
ou morre sem exercício  
ou se perde na experiência.

### PEQUENA FLOR

COMO PEQUENA FLOR que recebeu uma chuva enorme  
e se esforça por sustentar o oscilante cristal das gotas  
na seda frágil, e preservar o perfume que aí dorme,

e vê passarem as leves borboletas livremente,  
e ouve cantarem os pássaros acordados sem angústia,  
e o sol claro do dia as claras estátuas beijando sente,

e espera que se desprenda o excessivo, úmido orvalho  
pousado, trêmulo, e sabe que talvez o vento  
a libertasse, porém a desprenderia do galho,

e nesse temor e esperança aguarda o mistério transida  
— assim repleto de acasos e todo coberto de lágrimas  
há um coração nas lânguidas tardes que envolvem a vida.

### MEMÓRIA

A José Osório

MINHA FAMÍLIA anda longe,  
com trajes de circunstância:  
uns converteram-se em flores,  
outros em pedra, água, líquen;  
alguns, de tanta distância,  
nem têm vestígios que indiquem  
uma certa orientação.

Minha família anda longe,  
— na Terra, na Lua, em Marte —  
uns dançando pelos ares,  
outros perdidos no chão.



Tão longe, a minha família!  
Tão dividida em pedaços!  
Um pedaço em cada parte.  
Pelas esquinas do tempo,  
brincam meus irmãos antigos:  
uns anjos, outros palhaços.  
Seus vultos de labareda  
rompem-se como retratos  
feitos em papel de seda.  
Vejo lábios, vejo braços,  
— por um momento persigo-os;  
de repente, os mais exatos  
perdem sua exatidão.  
Se falo, nada responde.  
Depois, tudo vira vento,  
e nem o meu pensamento  
pode compreender por onde  
passaram nem onde estão.

Minha família anda longe.

Mas eu sei reconhecê-la:

um cílio dentro do oceano,

um pulso sobre uma estrela,

uma ruga num caminho,

caída como pulseira,

um joelho em cima da espuma,

um movimento sozinho

aparecido na poeira. . .

Mas tudo vai sem nenhuma

noção de destino humano,

de humana recordação.

Minha família anda longe.

Reflete-se em minha vida,

mas não acontece nada:

por mais que eu esteja lembrada,

ela se faz de esquecida:

não há comunicação!

Uns são nuvem, outros, lesma. . .

Vejo as asas, sinto os passos

de meus anjos e palhaços,

numa ambígua trajetória

de que sou o espelho e a história.

Murmuro para mim mesma:

"É tudo imaginação!"

Mas sei que tudo é memória.

## MAU SONHO

SOU NABUCODONOSOR

que sonhou e se esqueceu!

Oh! venha, seja quem for,  
dizer que sonho era o meu!

Venha! que me morro, por  
um sonho que se perdeu!

(Veio o moço Baltasar,  
mostrou-me a sua visão:  
uma testa de ouro, no ar,  
uns pés de barro, no chão.  
E ferro — do calcanhar  
à altura do coração!)

Bendito seja o Senhor,  
que o esquecimento me deu!

Que era mau sonho, este, meu,  
de Nabucodonosor!

## RETRATO FALANTE

NÃO HÁ QUEM NÃO se espante, quando  
mostro o retrato desta sala,  
que o dia inteiro está mirando,  
e à meia-noite em ponto fala.

Cada um tem sua raridade:  
selo, flor, dente de elefante.  
Uns têm até felicidade!  
Eu tenho o retrato falante.

Minha vida foi sempre cheia  
de visitas inesperadas,  
a quem eu me conservo alheia,  
mas com as horas desperdiçadas.

Chegam, descrevem aventuras,  
sonhos, mágoas, absurdas cenas.  
Coisas de hoje, antigas, futuras.  
(A maioria mente, apenas.)



E eu, fatigada e distraída,  
digo sim, digo não — diversas  
respostas de gente perdida  
no labirinto das conversas.

Ouçó, esqueço, livro-me — trato  
de recompor o meu deserto.  
Mas, à meia-noite, o retrato  
tem um discurso pronto e certo.

Vejo então por que estranho mundo  
andei, ferida e indiferente,  
pois tudo fica no sem-fundo  
dos seus olhos de eternamente.

Repete palavras esquivas,  
sublinha, pergunta, responde,  
e apresenta, claras e vivas,  
as intenções que o mundo esconde.

Na outra noite me disse: "A morte  
leva a gente. Mas os retratos  
são de natureza mais forte,  
além de serem mais exatos.

Quem tiver tentado destruí-los,  
por mais que os reduza a pedaços,  
encontra os seus olhos tranqüilos  
mesmo rotos, sobre os seus passos.

Depois que estejas morta, um dia,  
tu, que és só desprezo e ternura,  
saberás que ainda te vigia  
meu olhar, nesta sala escura.

Em cada meia-noite em ponto,  
direi o que viste e o que ouviste.  
Que eu — mais que tu — conheço e aponto  
quem e o que te deixou tão triste."

### CANÇÃO NAS ÁGUAS

ACOSTUMEI minhas mãos  
a brincarem na água clara:  
por que ficarei contente?  
A onda passa docemente:  
seus desenhos — todos vão.  
Nada pára.

Acostumei minhas mãos  
a brincarem na água turva:  
e por que ficarei triste?  
Curva, e sombra, sombra e curva,  
cor e movimento — vão.  
Na existe.

Gastei meus olhos mirando vidas  
com saudade.  
Minhas mãos por águas perdidas  
foram pura inutilidade.

### IDA E VOLTA EM PORTUGAL

OLIVAL DE PRATA,  
veludosos pinhos,  
clara madrugada,  
dourados caminhos,  
lembrai-vos da graça  
com que os meus vizinhos,  
numa cavalcada,  
com frutas e vinhos,  
lenços de escarlata,  
cestas e burrinhos,  
foram pela estrada,  
assustando os moínhos  
com suas risadas,  
pondo em fuga cabras,  
ventos, passarinhos...

Ai, como cantavam!  
Ai, como se riam!

Seus corpos — roseiras.  
Seus olhos — diamantes.

Ora vamos ao campo colher amoras  
e amores!  
A amar, amadores amantes!

Olival de prata,  
veludosos pinhos,  
pura Vésper clara,  
silentes caminhos,  
lembrai-vos da pausa  
com que os meus vizinhos  
vieram pela estrada.



Morria nos moinhos  
o giro das asas.  
Ventos, passarinhos,  
árvores e cabras,  
tudo estacionava.  
As flores faltavam.  
Sobravam espinhos.  
Ai, como choravam!  
Ai, como gemiam!

Seus corpos — granito.  
Seus olhos — cisternas.

Este é o campo sem fim de onde não retornam  
ternuras!  
Entornai-vos, ondas eternas!

### SOLILÓQUIO DO NOVO OTELO

TUDO VAI e vem.

Sou como todas as coisas:

e durmo e acordo na tua cabeça,  
com o andar do dia e da noite,  
o abrir e o fechar das portas.

Tudo é monótono, tudo é para ser esquecido.  
Quero ficar em ti, único.

No tumulto dos acontecimentos,  
pensarás: "Ele, porém, é imóvel".  
"Ele, ele é diferente" — pensarás, no meio das repetições.

Tudo rodará e cairá,  
pelas vertentes desse teu imaginar,  
que sobe sempre.

Pois eu quero estar parado e sem nenhuma alteração,  
sem te responder nem chamar, sem te dar nem pedir.  
Sem relação com as outras coisas.

Eu, puramente eu.  
E assim talvez te inquietes.  
Talvez fiques mais próxima,  
e indagues, e te comovas, e até sofras,  
e te esqueças de todo o resto  
e te gastes por mim.

Caia o sono dos teus olhos,  
junto com lágrimas,  
e a cor que os iluminava,  
com a chama incauta da tua alegria.

Caia o riso da tua boca,  
misturado às palavras que os outros ouviriam.  
E o brilho dos teus cabelos se apague,  
com o pensamento que sempre te aureolou.

Tudo assim!

Que até teu coração se desprenda,  
— rosa cortada! —  
e caia em mim, para sempre.

Que importa ficar no fundo do inferno,  
perdido, perdido,  
se teu coração arder comigo  
e se acabar com o meu fim?

2

Para as estrelas altíssimas,  
olho da sombra melancolicamente,  
enquanto ela dorme,  
pálida e quieta,  
toda paralela:  
as pálpebras, os braços, os pés.

Um cílio não lhe estremece.  
No límpido til da sua narina  
nem se sente o embalo do ar que alimenta o sonho.

E debaixo de seus olhos estão países  
de habitantes fluidos,  
que mudam de rosto e voam!  
E ela mesma comparece entre eles!  
E falam-se, reconhecem-se, entendem-se!

Tão longe!  
Nem as estrelas chegam a esses lugares instáveis,  
de onda e nuvem, por onde as palavras e os fantasmas  
misturam seus olhos, caminhando por dentro de si!

Sua sombra, seu rastro,  
mesmo sem querer,  
por aí ficam também, perdidos.  
Expostos.



Porventura estarei também algumas vezes  
nesses vagos aléns  
que a esperam, chamam e levam?  
Outros olhos meus a acompanharão, sem que me lembre,  
por entre os ares que a abraçam,  
que a envolvem, que a bebem?

Oh! porque eu sei que ela é bebida por um remoto lábio  
inalcançável,  
esta que dorme aqui, pálida e paralela,  
esta que jaz, fina e doce,  
como um vestido de seda caído.

Se eu gritar seu nome,  
se bater no seu peito, liso e frágil,  
então, num suspiro vagaroso,  
regressará de onde estava.  
Levantará as pálpebras, para dizer que chegou.  
E — como quem vem à janela —  
para perguntar o que lhe querem. Por quê?

E eu mirarei com mágoa seus olhos claros, recém-chegados.  
E alguma coisa estará faltando nela,  
que nunca, nunca se há de recuperar.

E, ao longe, sentirei, transtornados,  
inconsoláveis como eu,  
tontos de sua solidão,  
os ares que se afeioavam à sua figura,  
subitamente devolvida ao meu poder.

### A DONA CONTRARIADA

ELA ESTAVA ali sentada,  
do lado que faz sol-posto,  
com a cabeça curvada,  
um véu de sombra no rosto.  
Suas mãos indo e voltando  
por sobre a tapeçaria,  
paravam de vez em quando;  
e, então, se acabava o dia.

Seu vestido era de linho,  
cor da lua nas areias.  
Em seus lábios cor de vinho  
dormia a voz das sereias.

Ela bordava, cantando.  
E a sua canção dizia  
a história que ia ficando  
por sobre a tapeçaria.

Veio um pássaro da altura  
e a sombra pousou no pano,  
como no mar da ventura  
a vela do desengano.  
Ela parou de cantar,  
desfez a sombra com a mão,  
depois, seguiu a bordar  
na tela a sua canção.

Vieram os ventos do oceano,  
roubadores de navios,  
e desmancharam-lhe o pano,  
remexendo-lhe nos fios.  
Ela pôs as mãos por cima,  
tudo compôs outra vez:  
a canção pousou na rima,  
e o bordado assim se fez.

Vieram as nuvens turvá-la.  
Recomeçou de cantar.  
No timbre da sua fala  
havia um rumor de mar.  
O sol dormia no fundo:  
fez-se a voz, ele acordou.  
Subiu para o alto do mundo.  
E ela, cantando, bordou.

### MODINHA

TUAS PALAVRAS antigas  
deixei-as todas, deixei-as,  
junto com as minhas cantigas,  
desenhadas nas areias.

Tantos sóis e tantas luas  
brilharam sobre essas linhas,  
das cantigas — que eram tuas —  
das palavras — que eram minhas!

O mar, de língua sonora,  
sabe o presente e o passado.  
Canta o que é meu, vai-se embora:  
que o resto é pouco e apagado.



## CANÇÃO A CAMINHO DO CÉU

FORAM MONTANHAS? foram mares?  
foram os números...? — não sei.  
Por muitas coisas singulares,  
não te encontrei.

E te esperava, e te chamava,  
e entre os caminhos me perdi.  
Foi nuvem negra? maré brava?  
E era por ti!

As mãos que trago, as mãos são estas.  
Elas sozinhas te dirão  
se vem de mortes ou de festas  
meu coração.

Tal como sou, não te convido  
a ires para onde eu for.

Tudo que tenho é haver sofrido  
pelo meu sonho, alto e perdido,  
— e o encantamento arrependido  
do meu amor.

## EPIGRAMA

NARCISO, foste caluniado pelos homens,  
por teres deixado cair, uma tarde, na água incolor;  
a desfeita grinalda vermelha do teu sorriso.

Narciso, eu sei que não sorrias para o teu vulto, dentro da onda:  
sorrias para a onda, apenas, que enlouquecera, e que sonhava  
gerar no ritmo do seu corpo, ermo e indeciso,

a estátua de cristal que, sobre a tarde, a contemplava,  
florindo-a para sempre, com o seu efêmero sorriso...

## IDÍLIO

COMO EU preciso de campo,  
de folhas, brisas, vertentes,  
encosto-me a ti, que és árvore,  
de onde vão caindo flores  
sobre os meus olhos dormentes.

Encosto-me a ti, que és margem  
de uma areia de silêncios  
que acompanha pelo tempo  
verdes rios transparentes:  
tua sombra, nos meus braços,  
tua frescura, em meus dentes.

Nasce a lua nos meus olhos,  
passa pela minha vida...  
— e, tudo que era, resvala  
para calmos ocidentes.  
Caminhos de ar vão levando  
pura e nua essa que andava  
com as roupas mais diferentes.

Olham pássaros, das nuvens,  
entre a luz dos mundos firmes  
e a das estrelas cadentes.  
E o orvalho da sua música  
vai recobrando o meu rosto  
com um tremor que eu conhecia  
nos meus olhos já levados,  
idos, perdidos, ausentes...

(Leve máscara de pérolas  
na minha face não sentes?)

## SOLEDAD

ANTES QUE O SOL SE VÁ,  
— como pássaro perdido,  
também te direi adeus,  
*Soledad*.

Terra morrendo de fome,  
pedras secas, folhas bravas,  
ai, quem te pôs esse nome,  
*Soledad*!  
sabia o que são palavras.

Antes que o sol se vá,  
— como um sonho de agonia,  
cairás dos olhos meus,  
*Soledad*!



Indiazinha tão sentada  
na cinza do chão deserta,  
ai, *Soledad!*  
que pensas? Não penses nada,  
que a vida é toda secreta.

Como estrela nestas cinzas,  
antes que o sol se vá,  
nem depois, não virá Deus,  
*Soledad?*

Pois só ele explicaria  
a quem teu destino serve,  
sem mágoa nem alegria,  
ai, *Soledad!*  
para um coração tão breve...

Ai, *Soledad, Soledad,*  
ai, *rebozo negro, adeus!*  
ai, antes que o sol se vá...

*Soledad, México — 1940.*

### CANÇÃO DO CARREIRO

DIA CLARO,  
vento sereno,  
roda, meu carro,  
que o mundo é pequeno.

Quem veio para esta vida,  
tem de ir sempre de aventura:  
uma vez para a alegria,  
três vezes para a amargura.

Dia claro,  
vento marinho,  
roda, meu carro,  
que é curto o caminho.

Riquezas levo comigo.  
Impossível escondê-las:  
beije meu corpo nos rios,  
dormi coberto de estrelas.

Dia claro,  
vento do monte,  
roda, meu carro,  
que é perto o horizonte.

Pela fresca...  
as mesas estão...  
Pelos cantos...  
Pelas mesas...  
(*Tacos y tortillas*)

Dia claro,  
vento parado,  
roda, meu carro,  
para qualquer lado.

Riquezas comigo levo.  
Impossível encobri-las:  
troquei conversas com o eco  
e amei nuvens intranquias.

Dia claro,  
de onde e de quando?  
Roda, meu carro,  
pois vamos rodando...

Cada gesto é uma...  
um Brasil — no...  
toda de amor...  
(*Tacos, tortillas*)

### INTERLÚDIO

As PALAVRAS estão muito ditas  
e o mundo muito pensado.  
Fico ao teu lado.

Não me digas que há futuro  
nem passado.  
Deixa o presente — claro muro  
sem coisas escritas.

Deixa o presente. Não fales.  
Não me expliques o presente,  
pois é tudo demasiado.

Em águas de eternamente,  
o cometa dos meus males  
afunda, desarvorado.

Fico ao teu lado.  
Ai, *tacos, tamales y frijoles*  
Ai, ai, café, *pepino*  
Abóboras *sonando*

### DOMINGO DE FEIRA

NESSE CAMINHO de Alcobaga,  
nos arredores do Mosteiro,  
eu sei que o mercado da praça  
dura quase o domingo inteiro.



Na bojuda louça vidrada,  
cada vulto é um desenho novo.  
E há alforjes nos degraus da escada,  
onde palra, marcando, o povo.

Homens vindos de longe, graves  
mais que D. Nuno Álvares Pereira,  
e mulheres com modos de aves,  
andam e gritam pela feira.

Um perfume agreste se alastra,  
de ácido mel. E figos e uvas  
cintilam em cada canastra,  
úmidos de orvalhos e chuvas.

Moscas investigam o abismo  
das orelhas hirtas dos burros.  
Há vozes de um solene heroísmo.  
E também mui solenes murros.

Cada gesto é uma Aljubarrota,  
um Brasil — no braço que alterca.

.....  
"Figos, figos de capa rota!  
Dez réis o quarteirão! Quem merca?"

Lenço preto amarrado ao queixo,  
uma velha geme, outra berra.  
Em suas duras mãos de seixo,  
ilui o sumo doce da terra.

Meias roxas, verdes, vermelhas  
vão e vêm para cada lado.  
O burro sacode as orelhas.  
Parece um desenho animado.

Num lugar qualquer desse cromo,  
uma velha limpa os objetos  
de barro com tal gosto, como  
se lavasse os seus próprios netos.

#### MEXICAN LIST AND TOURISTS

A Virgínia e Bessie

OH! "EL CHARRO" com seus *sarapes*,  
com seus *sarapes* de listas!  
Jardins com ternuras árabes  
para os senhores turistas...  
(*Tacos.*)

Pela fresca das seis horas,  
as mesas estão floridas.  
Pelos canteiros, abóboras.  
Pelas mesas, mãos unidas.  
(*Tacos y tortillas.*)

Isto é uma estranha comida,  
e não te digo que comas...  
Ouve a canção da voz úmida:  
"Gavilanes y palomas..."  
(*Tacos, tortillas y enchiladas.*)

Esta jovem de turbante,  
e o seu noivo, sem casaco,  
falam-se, riem-se, curvam-se,  
mastigando um amor e um *taco*.  
(*Tacos, tortillas, enchiladas y tamales.*)

E o cantor dobra a cantiga,  
com voz de cana rachada,  
de boa cana romântica,  
toda de amor desmanhada...  
(*Tacos, tortillas, enchiladas, tamales y chile con carne.*)

Canção, pimenta, abacate,  
flores, crepúsculo — tudo  
é inútil, ó poema, acaba-te!  
Este mundo é surdo-mudo...  
(*Tacos, tortillas, enchiladas, tamales, chile con carne y peanuts.*)

Surdo-mudo, sim, senhores,  
que estes noivos casarão,  
e, estimem-se, amem-se, adorem-se,  
vai ser em vão:  
cada um tem sua moda...  
— ele irá mascando goma,  
ela tricotando lã...  
Nenhum sabe o que é *paloma*  
nem tampouco *gavilán*...

Ai, *tacos, tamales y frijoles fritos!*  
Ai, ai, café, *peppermint* e canções de "El Charro!"  
Abóboras sonhando nos canteiros tão bonitos,  
e *tortillas* quentes no prato de barro!

Ai, que os turistas, com seus dedos esquisitos  
riscam fósforos nos pés, e acendem o cigarro!

"El Charro", de Austin — 1940.



## CANÇÃO DA TARDE NO CAMPO

CAMINHO do campo verde,  
estrada depois de estrada.  
Cercas de flores, palmeiras,  
serra azul, água calada.

(Eu ando sozinha  
no meio do vale.  
Mas a tarde é minha.)

Meus pés vão pisando a terra  
que é a imagem da minha vida:  
tão vazia, mas tão bela,  
tão certa, mas tão perdida!

(Eu ando sozinha  
por cima de pedras.  
Mas a flor é minha.)

Os meus passos no caminho  
são como os passos da lua:  
vou chegando, vais fugindo,  
minha alma é a sombra da tua.

(Eu ando sozinha  
por dentro de bosques.  
Mas a fonte é minha.)

De tanto olhar para longe,  
não vejo o que passa perto.  
Subo monte, desço monte,  
meu peito é puro deserto.

(Eu ando sozinha  
ao longo da noite.  
Mas a estrela é minha.)

## MADRIGAL DA SOMBRA

SOMBRA QUE PASSAS, eu sei que és sombra,  
eu sei que és sombra, sombra que falas.  
Não deixas passo em nenhuma alfombra  
das altas, graves, eternas salas.

Mas os que choram de sala em sala,  
mirando espelhos, mirando alfombras,  
choram teus passos e tua fala,  
e o seu destino de amar as sombras...

## PASSAM ANJOS

PASSAM ANJOS com espadas de silêncio  
por entre nós,  
devastando o jardim suspenso  
que podia ter sido a minha voz.

Passam anjos por cima de muralhas  
sem dimensão.

Mas por que das estrelas não falas  
à triste planície do meu coração?

Passam anjos desenrolando tempo,  
tempo sem fim.

Tempo de seres tu para sempre  
e não seres mais nada para mim.

— Ó anjos de duras espadas frias,  
que fizestes das alegrias  
tão raras de desabrochar?

— Ó anjos de frias espadas duras,  
que sal, que sombra e que lonjuras,  
sem terra, sem noite e sem mar!

## CAMPOS VERDES

SOBRE O CAMPO verde,  
ondas de prata.

Andava-se, andava-se...

Sobre o verde campo,  
sempre outras águas.

Sobre o campo verde,  
paciente barco.

Erra-se, errava-se...

Sobre o verde campo,  
sempre outro espaço.



Sobre o campo verde,  
todas as cartas.

Armava-se, armava-se...  
Sobre o verde campo,  
sempre o ás de espadas.

Sobre o campo verde,  
qualquer palavra.

Olhava-se, olhava-se...  
Ai! sobre o verde campo,  
mais nada.

### PARA UMA CIGARRA

CIGARRA DE OURO, fogo que arde,  
queimando, na imensa tarde,  
meu nome, sussurrante flor.

(Estudei amor.)

Cigarra de ouro, por que me chamas,  
se, quando eu for,  
bem sei que foges por entre as ramas?

(Estudei amor.)

Cigarra de ouro, eu nem levanto  
meus olhos para teu canto.

(Estudei amor.)

### ENCOMENDA

DESEJO uma fotografia  
como esta — o senhor vê? — como esta:  
em que para sempre me ria  
com um vestido de eterna festa.

Como tenho a testa sombria,  
derrame luz na minha testa.  
Deixe esta ruga, que me empresta  
um certo ar de sabedoria.

Não meta fundos de floresta  
nem de arbitrária fantasia...  
Não... Neste espaço que ainda resta,  
ponha uma cadeira vazia.

### CONFISSÃO

A Afonso Duarte

NA QUERMESSE da miséria,  
fiz tudo o que não devia:  
se os outros se riam, ficava sério;  
se ficavam sérios, me ria.

(Talvez o mundo nascesse certo;  
mas depois ficou errado.  
Nem longe nem perto  
se encontra o culpado!)

De tanto querer ser boa,  
misturei o céu com a terra,  
e por uma coisa à-toa  
levei meus anjos à guerra.

Aos mudos de nascimento  
fui perguntar minha sorte.  
E dei minha vida, momento a momento,  
por coisas da morte.

Pus caleidoscópios de estrelas  
entre cegos de ambas as vistas.  
Geometrias imprevisitas,  
quem se inclinou para vê-las?

(Talvez o mundo nascesse certo;  
mas evadiu-se o culpado.  
Deixo meu coração — aberto,  
à porta do céu — fechado.)

### NAUFRÁGIO ANTIGO

A Margarete Kuhn

INGLESINHA de olhos tênues,  
corpo e vestido desfeitos  
em águas solenes;



inglesinha do veleiro,  
com tranças de metro e meio  
embarçando os peixes.

Medusas róseas nos dedos,  
algas pela cabeça,  
azuis e verdes.

Desceu muitos degraus de seda  
e atravessou muitas paredes  
de vidro fresco.

Embalada em seus cabelos,  
navegava frios reinos  
de personagens lentos:

por paisagens de anêmonas,  
caudas negras,  
nadadeiras trêmulas.

Mirava a lua seus dentes,  
seus olhos — de oceano cheios,  
seus lábios — hirtos de sede.

Muito tempo, muito tempo...  
Medusas róseas nos dedos,  
pelo peito, estrelas,  
brancas e vermelhas.

Em praías de triste areia,  
o vento, sem o veleiro,  
chorava de pena.

Inglesinha de olhos tênues,  
ao longe suspensa  
em líquidas teias!

Vestidos sem consistência:  
medusas róseas no ventre,  
algas pelos joelhos,  
azuis e verdes.

Landes ermas  
vão sofrendo e morrendo  
porque a perderam.

Pelas águas transparentes,  
suspiros que foram vê-la  
ficaram prisioneiros.

E as lágrimas que correram  
extraviaram-se, na rede  
da espuma crespaa.

Inglesinha de olhos tênues  
volteia, volteia  
no mar, em silêncio.

Moluscos fosforescentes  
cobiçam os arabescos  
de suas orelhas.

Peixes de olhos densos  
bebem suas veias  
azuis e violetas.

Embalada em seus cabelos,  
noutros mundos entra,  
sempre mais imensos.

Por entre anêmonas,  
nadadeiras trêmulas,  
súbitos espelhos.

A cor dos planetas  
pinta seu rosto de cera  
e banha seus pensamentos.

(Porque ela ainda pensa:  
algas pelo ventre,  
azuis e verdes,  
medusas pelos artelhos.

E ainda sente.  
Sente e pensa e vai serena,  
embalada em seus cabelos.)

Inglesinha de olhos tênues,  
com tranças de metro e meio,  
cor de lua nascente.

Branca ampulheta  
foi vertendo, vertendo  
séculos inteiros.

Desmanchou-lhe o seio,  
desfolhou-lhe os dedos  
e as madeixas,



medusas, estrelas,  
róseas e vermelhas,  
e algas verdes,

e a voz do vento  
que na areia  
sofrera.

E a existência  
e a queixa

de quem teve  
pena,  
antigamente.

### EXPLICAÇÃO

*A Alberto de Serpa*

O PENSAMENTO é triste; o amor, insuficiente;  
e eu quero sempre mais do que vem nos milagres.  
Deixo que a terra me sustente:  
guardo o resto para mais tarde.

Deus não fala comigo — e eu sei que me conhece.  
A antigos ventos dei as lágrimas que tinha.  
A estrela sobe, a estrela desce...  
— espero a minha própria vinda.

(Navego pela memória  
sem margens.

Alguém conta a minha história  
e alguém mata os personagens.)

### ROMANCINHO

*A Maria Dulce*

DISSERAM QUE ELE não vinha:  
mas assim mesmo o esperei.  
Veio o rei, veio a rainha,  
— não veio o filho do rei!

Pelo vale mais profundo,  
sozinha, alta noite, andei.  
Dentre as pedras, dentre os lodos,  
lírios brancos arranquei.  
Fui buscar os lírios todos  
— últimos lírios do mundo! —  
pra dar ao filho do rei.

Ouvi tremerem os campos.  
Correndo, aos campos tornei.  
Entre azulados relâmpagos,  
descia do céu à terra  
coche sobrenatural,  
com sete cavalos brancos,  
arreios de ouro e veludo,  
cascos de prata brunida,  
campainhas de cristal,  
— Luz da noite! Alma da vida!  
toda a crina entretecida  
de turquesa e de coral.

O suor, na curva dos flancos,  
a escuma, no ouro dos freios,  
eram só de aljófar miúdo.

Ia a bodas? Ia à guerra?  
Nenhum cocheiro se via.  
Tão depressa, aonde iria?

Sete cavalos, na frente,  
cintilando em seus arreios;  
em cada orelha, uma rosa,  
em cada rosa, uma lua,  
em cada lua, um diamante  
talhado em quarto crescente,  
talhado em quarto minguante.

E atrás, no coche de prata,  
com cortinas de escarlata,  
sentado, o filho do rei.

Para avistar-lhe o semblante,  
ganhar a mirada sua,  
deslumbrada e pressurosa,  
toda me precipitei.

Passaram sobre o meu peito  
quatro rodas de marfim.  
Não vi o filho do rei,  
tão bonito, tão perfeito,  
que não era para mim.



(Ia a bodas? Ia à guerra?)

Quatro rodas encarnadas,  
recentemente pintadas,  
correm no mundo sem fim...

Sete cavalos luzentes,  
do mais luzente cetim,  
com aljôfar pelos flancos,  
vão atravessando a terra,  
mastigando lírios brancos  
com seus dentes de rubim...

### ROSTO PERDIDO

DEIXARAM meu rosto  
fora do meu corpo.

Meu rosto perdido  
num longe lugar!  
Encheram seus olhos  
orvalhos da noite.

Sua boca transborda de luar!

Chamei-o, chamei-o,  
muitas vezes, e ele

— não quis responder?

— não pôde falar?

Disse que era tarde,  
que me vinha embora.

Oh! o meu rosto não torna a voltar!

Meu rosto descansa

— entre duas flores?

— entre duas ondas?

— no campo? ou no mar?

Vêm nuvens por cima?

Pássaros ou vento?

Vêm as setas da Estrela Polar?

Tão pálido e quieto!

— Está vivo ou está morto?

Flutua sem peso

como a luz sobre o ar.

Não sabe mais nada

senão paraísos!

Pensa e beija a paisagem do olhar.

### ELEGIA

PERTO DA TUA sepultura,  
trazida pelo humilde sonho  
que fez a minha desventura,  
mal minhas mãos na terra ponho,  
logo estranhamente as retiro.  
Neste limiar de indiferença,  
não posso abrir a tênue rosa  
do mais espiritual suspiro.  
Jazes com a estranha, a muda, a imensa  
Amada eterna e tenebrosa,  
pelas tuas mãos escolhida  
para teu convívio absoluto.  
Por isso me retraio, certa  
de que é pura felicidade  
a terra densa que te aperta.  
E por entre as pedras serenas  
desliza o meu tímido luto,  
com uma quieta lágrima, apenas,  
— esse humano, doce atributo.

### REINVENÇÃO

A VIDA só é possível  
reinventada.

Anda o sol pelas campinas  
e passeia a mão dourada  
pelas águas, pelas folhas...  
Ah! tudo bolhas  
que vêm de fundas piscinas,  
de ilusionismo... — mais, nada.

Mas a vida, a vida, a vida,  
a vida só é possível  
reinventada.

Vem a lua, vem, retira  
as algemas dos meus braços.  
Projeto-me por espaços  
cheios da tua Figura.  
Tudo mentira! Mentira!  
da lua, na noite escura.



Não te encontro, não te alcanço...

Só — no tempo equilibrada,  
desprendo-me do balanço  
que além do tempo me leva.

Só — na treva,  
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,  
a vida só é possível  
reinventada.

### CANÇÃO DO DESERTO

*A Enrique Peña*

MINHA TERNURA nas pedras  
vegeta.

Caravanas de formigas  
tomam sempre outro caminho.  
E a areia — cega.

Noite e dia, noite e dia  
— como se estivesse à espera.

O sol consome as cigarras,  
a lua pelas escadas  
se quebra.

Minha ternura? — nas pedras.

Para o último céu perdido,  
meu desejo sem auxílio  
se eleva.

Mas os passos deste mundo  
pisam tudo, tudo...  
Morte certa.

Morte por todos os passos...  
(Só com a sola dos sapatos  
os homens tocam a terra!)

Minha ternura? — nas pedras.  
Nas pedras.

### LUA ADVERSA

TENHO FASES, como a lua.  
Fases de andar escondida,  
fases de vir para a rua...  
Perdição da minha vida!  
Perdição da vida minha!  
Tenho fases de ser tua,  
tenho outras de ser sozinha.

Fases que vão e que vêm,  
no secreto calendário  
que um astrólogo arbitrário  
inventou para meu uso.

E roda a melancolia  
seu interminável fuso!

Não me encontro com ninguém  
(tenho fases, como a lua...)  
No dia de alguém ser meu  
não é dia de eu ser sua...  
E, quando chega esse dia,  
o outro desapareceu...

### CANÇÃO PARA REMAR

*A Isabel do Prado*

DOCE PESO  
desta sonolência,  
leve cadência  
de amor e desprezo.

Lua mansa,  
pedaço perdido  
do anel partido  
de alguma esperança.

Grande estrela  
toda desfolhada  
na água parada  
para recebê-la.

Noite fria,  
sem desejo humano.  
Brisa no oceano  
da melancolia.



Rosto sério  
das ondas do mundo.  
Bóiam no fundo  
ramos de mistério.

(Doce peso  
desta sonolência...  
Leve cadência  
de amor e desprezo...)

### CHORINHO

CHORINHO de clarineta,  
de clarineta de prata,  
na úmida noite de lua.

Desce o rio de água preta.  
E a perdida serenata  
na água trêmula flutua.

Palavra desnecessária:  
um leve sopro revela  
tudo que é medo e ternura.

Pela noite solitária,  
uma criatura apela  
para outra criatura.

Não há nada que submeta  
o que Deus nos arrebatou  
segundo a vontade sua...

Ai, choro de clarineta!  
Ai, clarineta de prata!  
Ai, noite úmida de lua...

### MONÓLOGO

PARA ONDE VÃO minhas palavras,  
se já não me escutas?  
Para onde iriam, quando me escutavas?  
E quando me escutaste? — Nunca.

Perdido, perdido. Ai, tudo foi perdido!  
Eu e tu perdemos tudo.  
Suplicávamos o infinito.  
Só nos deram o mundo.

De um lado das águas, de um lado da morte,  
tua sede brilhou nas águas escuras.  
E hoje, que barca te socorre?  
Que deus te abraça? Com que deus lutas?

Eu, nas sombras. Eu, pelas sombras,  
com as minhas perguntas.  
Para quê? Para quê? Rodas tontas,  
em campos de areias longas  
e de nuvens muitas.

### FANTASMA

PARA ONDE VAIS, assim calado,  
de olhos hirtos, quieto e deitado,  
as mãos imóveis de cada lado?

Tua longa barca desliza  
por não sei que onda, límpida e lisa,  
sem leme, sem vela, sem brisa...

Passas por mim na órbita imensa  
de uma secreta indiferença,  
que qualquer pergunta dispensa.

Desapareces do lado oposto,  
e, então, com súbito desgosto,  
vejo que o teu rosto é o meu rosto,

e que vais levando contigo,  
pelo silencioso perigo  
dessa tua navegação,

minha voz na tua garganta,  
e tanta cinza, tanta, tanta,  
de mim, sobre o teu coração!

### PANORAMA

EM CIMA, é a lua,  
no meio, é a nuvem,  
embaixo, é o mar.



Sem asa nenhuma,  
sem vela nenhuma,  
para me salvar.

Ao longe, são noites,  
de perto, são noites,  
quem se há de chamar?  
Já dormiram todos,  
não acordam outros...  
Água. Vento. Luar.

O trilho da terra  
para onde é que leva,  
luz do meu olhar?  
Que abismos aéreos  
de reinos aéreos  
para visitar!

Na beira do mundo,  
do sono do mundo  
me quero livrar.  
E em cima — é a lua,  
no meio — é a nuvem,  
e embaixo — é o mar!

## DA BELA ADORMECIDA

### 1

(Há névoa.)

Um beijo seria uma borboleta afogada em mármore.  
Uma voz seria raiz perfurando cegueiras.  
As paredes unificaram feitiços e cores (Há névoa)  
e mesmo as janelas abertas estão fechadas com arminhos  
e as soleiras revestidas de musgos, líquens, pelúcias brancas.

E fundiram-se as montanhas (Há névoa), dissolveram-se no ar  
[os mortos astros.  
As areias povoaram-se de avestruzes, ursos brancos, beduínos,  
imóveis, sentados, esperando.

(Há névoa) Entre água e céu invisíveis,  
suspendem-se os navios, desfigurados em ouro difuso.  
E as árvores, encanecem, numa inesperada velhice.  
Se uma flor cair, não poderá dizer "Boa noite!" a nenhuma outra,  
porque, de ramo a ramo, erram distâncias invencíveis.

É assim como entre nós, Figura sem rosto, caminhante do mundo.  
(Há névoa.)

Minhas palavras são folhas soltas no ar espesso,  
indo e vindo à toa, olhando apenas para si mesmas.

No peso do ar fatigante, remam as minhas mãos e despedaçam-se.  
É sempre longe, mais longe. É sempre e cada vez mais longe.  
Oh! se existisse um limite!  
(Há névoa.)

Filtra-se por meus olhos a cinza da noite silenciosa.  
Caminha pelo meu sangue com o passo pegajoso da sua vida acre.  
Pousa em meu coração. Descansa. Adere à minha vida guardada...  
(Há névoa.)

E no entanto, em minha memória, ainda existe uma espécie de  
[música!

### 2

Deve ser o meu rosto, que se reflete por todos os lados.  
E, então, a doçura da noite, com seu plácido nível de aquário  
entra em perturbação, e as coisas submersas temem perder-se.

Assustarão por acaso os meus braços? Não — porque embora  
[paralelos

e imóveis, e com essa emoção das estátuas quebradas,  
erguem as mãos em flor, pousam os pulsos no meu peito  
como sobre um menino morto.

(Tudo mais é tranqüilo assim:

cada recordação acorda suaves ritmos;  
e a carne sonha ser pluma, e o sangue flui dormente de felicidade,  
misturando ternuras de luar, transparências de água, metamorfoses  
de terra em aroma.)

É certo que se desprendem fantasmas: hirtos santos, parentes tristes,  
homens desconhecidos, mulheres de longe, que esperaram ser amadas,  
e outros ainda, que não são gente — e contemplam segundo a sua  
[condição.

Mas quem ouve esse deslizar entre muros serenos?  
Quem sente essa respiração mais fina e essa presença mais tênue  
que a impalpável luz das estrelas?

Ah! só meu rosto, dentro da noite, produz, decerto, espanto imenso.  
Ele, apenas, de olhos abertos, de êrmo lábio,  
criança apoiada nas nuvens, erguida em pontas de pés, preparando  
[o salto dos tempos:



Todos esparariam que perguntasse; mas não pergunta.  
(Responder também não responde.)  
Então, a noite se faz imensamente triste, e há um desespero sobre  
[a vida.

E não se sente mais o mundo, e a sombra ondula em formas instáveis,  
onda partida com o vento, enlouquecendo e atraíndo.

Espera-se, talvez, sobre o meu rosto um riso imenso.  
Soltai os pássaros inúmeros, agitados e tontos,  
dentro de impérios recém-abertos!

Mas, no romper das asas, falta céu, de repente.  
E tudo pára.

### ITINERÁRIO

PRIMEIRO, foram os verdes  
e águas e pedras da tarde,  
e meus sonhos de perder-te  
e meus sonhos de encontrar-te...

Mas depois houve caminhos  
pelas florestas lunares,  
e, mortos em meus ouvidos,  
mares brancos de palavras.

Achei lugares serenos  
e aromas de fonte extinta.  
Raízes fora do tempo,  
com flores vivas ainda.

E eram flores encarnadas,  
por cima das folhas verdes.  
(Entre os espinhos de prata,  
só meus sonhos de perder-te...)

### CANÇÃO DOS TRÊS BARCOS

MEU AVÔ me deu três barcos:  
um de rosas e cravos,  
um de céus estrelados,  
um de naufragos, naufragos...

ai, de naufragos!  
Embarcara no primeiro,  
dera em altos rochedos,  
dera em mares de gelo,  
e partira-se ao meio...

ai, no meio!

No segundo me embarcara,  
e nem sombra de praia,  
e nem corpo e nem alma,  
e nem vida e nem nada...

ai, nem nada!

Embarcara no terceiro,  
e que vela é que remo!  
e que estrela é que vento!  
e que porto sereno!

ai, sereno!

Meu avô me deu três barcos:  
um de sonhos quebrados,  
um de sonhos amargos,  
e o de naufragos, naufragos!

ai, de naufragos!

### ECO

ALTA NOITE, o pobre animal aparece no morro, em silêncio.  
O capim se inclina entre os errantes vaga-lumes;  
pequenas asas de perfume saem de coisas invisíveis:  
no chão, branco de lua, ele prega e despreza as patas, com sombra.

Prega, desprega e pára.  
Deve ser água, o que brilha como estrela, na terra plácida.  
Serão jóias perdidas, que a lua apanha em sua mão?  
Ah!... não é isso...

E alta noite, pelo morro em silêncio, desce o pobre animal sozinho.



Em cima, vai ficando o céu. Tão grande. Claro. Liso.  
Ao longe, desponta o mar, depois das areias espessas.  
As casas fechadas esfriam, esfriam as folhas das árvores.  
As pedras estão como muitos mortos: ao lado um do outro, mas  
[estranhos.

E ele pára, e vira a cabeça. E mira com seus olhos de homem.

Não é nada disso, porém...

Alta noite, diante do oceano, senta-se o animal, em silêncio.  
Balançam-se as ondas negras. As cores do farol se alternam.  
Não existe horizonte. A água se acaba em tênue espuma.  
Não é isso! Não é isso!  
Não é a água perdida, a lua andante, a areia exposta...  
E o animal se levanta e ergue a cabeça, e late... late...

E o eco responde.

Sua orelha estremece. Seu coração se derrama na noite.  
Ah! para aquele lado apressa o passo, em busca do eco.

### IMAGEM

MEU CORAÇÃO tombou na vida  
tal qual uma estrela ferida  
pela flecha de um caçador.

Meu coração, feito de chama,  
em lugar de sangue, derrama  
um longo rio de esplendor.

Os caminhos do mundo, agora,  
ficam semeados de aurora,  
não sei o que germinarão.

Não sei que dias singulares  
cobrirão as terras e os mares,  
nascidos do meu coração.

### CANTIGUINHA

BROTA ESTA lágrima e cai.  
Vem de mim, mas não é minha.  
Percebe-se que caminha,  
sem que se saiba aonde vai.

Parece angústia espremida  
de meu negro coração,  
— pelos meus olhos fugida  
e quebrada em minha mão.

Mas é rio, mais profundo,  
sem nascimento e sem fim,  
que, atravessando este mundo,  
passou por dentro de mim.

### RODA DE JUNHO

A M. H. Vieira da Silva

SENHOR São João,  
me venha ajudar,  
que as minhas mazelas  
eu quero deixar,  
e os reinos da terra  
perder sem pesar!

No fogo do chão,  
no fogo do ar,  
queimei meus pecados  
para lhe agradecer!

O seu carneirinho  
prometo enfeitar  
com rosas de prata,  
jasmims de luar,  
servir-lhe de joelhos  
bem doce manjar!

Em águas de rio,  
em águas de mar,  
Senhor São João,  
me venha banhar!

A noite da festa  
não deixe passar!  
Não durma, Santinho,  
no céu nem no altar!  
Quem está padecendo  
não pode esperar!



## RIMANCE

POR QUE ME DESTES um corpo,  
se estava tão descansada,  
nisso que é talvez o Todo,  
mas parece tanto o Nada?

Desde então andei perdida,  
pois meu corpo não bastava,  
— meu corpo não me servia  
senão para ser escrava...

De longe vinham guerreiros,  
de longe vinham soldados.  
Eu, com muitos ferimentos  
e os meus dois braços atados...

Uma lágrima floria  
no meio da sanha brava.  
Era a voz da minha vida  
que de longe vos chamava.

Que chamava e que dizia:  
"Levai-me destas estradas,  
que ando perdida e sozinha,  
com as mãos inutilizadas!"

Deixai-me estar onde quero,  
no vosso doce regaço,  
com o vosso coração perto  
do meu, no mesmo compasso,

enquanto andam as estrelas  
na curva dos seus bailados,  
e ao longe nuvens e ventos  
galopam, enamorados,

e o mar e a terra sombrios  
sofrem no silente espaço,  
porque os humanos suspiros  
não vêm ao vosso regaço!"

Estas coisas vos dizia.  
Estas coisas vos rogava.  
Mas neste corpo prendida  
minha alma continuava...

## DEUS DANÇA

SEUS CURVOS PÉS em movimento  
eram luas crescentes de ouro  
sobre nuvens correndo ao vento.

Como nos jogos malabares,  
ele atirava o seu tesouro  
e apanhava-o com as mãos nos ares...

Era o seu tesouro de estrelas,  
de planetas, de mundos, de almas...  
Ele atirava-o rindo pelas

imensidões sem horizonte:  
tinha todo o espaço nas palmas  
é o zodíaco em torno à frente.

Eu o vi dançando, ardente e mudo,  
a dança cósmica do Encanto.  
Unicamente abismos — tudo

quanto no seu cenário existe!  
Que vale o que valia tanto?  
Eu o vi dançando, e fiquei triste...

## DESPEDIDA

POR MIM, e por vós, e por mais aquilo  
que está onde as outras coisas nunca estão,  
deixo o mar bravo e o céu tranqüilo:  
quero solidão.

Meu caminho é sem marcos nem paisagens.  
E como o conheceis? — me perguntarão.  
— Por não ter palavras, por não ter imagens.  
Nenhum inimigo e nenhum irmão.

Que procuras? Tudo. Que desejas? — Nada.  
Viajo sozinha com o meu coração.  
Não ando perdida, mas desencontrada.  
Levo o meu rumo na minha mão.

A memória voou da minha frente.  
Voou meu amor, minha imaginação...  
Talvez eu morra antes do horizonte.  
Memória, amor e o resto onde estarão?



Deixo aqui meu corpo, entre o sol e a terra.  
(Beijo-te, corpo meu, todo desilusão!  
Estandarte triste de uma estranha guerra...)

Quero solidão.

## TRABALHOS DA TERRA

*A Gabriela Mistral*

LAVRADEIRA de ternuras,  
trago o peito atormentado  
pelas eternas securas  
de tanto campo lavrado.

Não foi sol por demasia,  
água pouca, nem mau vento;  
foi mesmo da terra fria,  
pobre de acontecimento.

Considerando os outonos,  
mais valera ter dormido,  
— que, nos sonhos dos meus sonos,  
tenho plantado e colhido.

Para lavrar minha mágoa,  
deram-me lande mais rica:  
vem-me aos olhos nuvem de água,  
logo a canção frutifica.

Meu tempo mal empregado  
foi canção da vida inteira,  
sabida por Deus, o arado  
e o peito da lavradeira.

## AMÉM

HOJE ACABOU-SE-ME a palavra,  
e nenhuma lágrima vem.  
Ai, se a vida se me acabara  
também!

A profusão do mundo, imensa,  
tem tudo, tudo — e nada tem.  
Onde repousar a cabeça?  
No além?

Fala-se com os homens, com os santos,  
consigo, com Deus... E ninguém  
entende o que se está contando  
e a quem...

Mas terra e sol, luas e estrelas  
giram de tal maneira bem  
que a alma desanima de queixas.  
Amém.

## NARRATIVA

ANDEI BUSCANDO esse dia  
pelos humildes caminhos  
onde se escondem as coisas  
que trazem felicidade:  
os amuletos dos grilos  
e o trevos de quatro folhas...  
Só achei flor de saudade.

O arroio levava o tempo.  
Ia meu sonho atrás da água.  
No chão dormiam abertas  
minhas duas mãos sem nada.  
Se me chamavam de longe,  
se me chamavam de perto,  
era perdida, a chamada...

Viajei pelas estrelas  
dentro da rosa-dos-ventos.  
Trouxe prata em meus cabelos,  
pólen da noite sombria...  
Mirei no meu coração,  
vi os outros, vi meu sonho,  
encontrei o que queria.

Já não mais desejo andanças;  
tenho meu campo sereno,  
com aquela felicidade  
que em toda parte buscava.  
O tempo fez-me paciente.  
A lua, triste mas doce.  
O mar, profunda, erma e brava.



## ALUCINAÇÃO

Perguntei quem era.

Mas não respondia.

Sumiam-se as falas.

Cruzava por muros

de sombra e desgosto,

por salas e salas

de melancolia.

Perguntei: "Quem és?"

Mas não respondia.

De nuvens, de espuma,

de espuma, de areia,

me achava enrolada,

da cabeça aos pés.

Pelos corredores

sem luz e sem porta,

sem porta e sem termo,

não se via nada.

Mas, sobre as paredes,

numa frágil teia,

dormiam rumores,

de suspiro enfermo

por pessoa morta.

Perguntei quem era.

Mas não respondia.

E havia uma espera,

como, embaixo da água,

no alargar das redes...

Suspirei: loucura!

E rochas de mágoa

estavam fendas

por todos os lados,

dentro do meu peito.

E um pássaro enorme,

fugido de lendas,

com os olhos parados,

levava, levava,

meu sonho sem fala

para a sepultura,

como, para um leito,

um corpo que dorme.

Que suor ardente

de sangue e de lava

nos liquens e orvalhos!

Patas e centelhas

e rosas vermelhas

subindo nos galhos,

para a fria lua

no quarto crescente...

E, sobre meus passos,

teus olhos abertos,

inúteis e certos,

extintos e vivos,

e dentro da sua

larga claridade

o destino exposto:

— nos trigos comidos,

— na dor inocente,

— nos sonhos dormidos,

fundos, primitivos,

para eternamente.

E danças dançadas

dentro de cisternas,

sobre águas fechadas.

Vento de veludo

extinguindo as pernas

e o rumor de tudo...

Dos olhos caía

meu esquecimento

com o toque do vento.

Falavam. Porém

tão longe, tão brando,

quem era? em que dia?

Tudo isso passando

para outros impérios,

sem nada e ninguém.

Se havia um sorriso,

quem é que sorria?

Aquilo distante

era o paraíso?

Espiral de escadas...

Roda de navios...

Hélices cansadas...

E um correr de rios

levando consigo

noites, madrugadas,

ninhos, flores, crianças,

homens e mulheres

estreitadamente...

E as minhas lembranças

de novo perdidas,

e o meu sonho antigo

outra vez errante,

morto e decomposto...

Perguntei: "Que queres?"



Mas não respondia.  
E, pela torrente,  
seguia, seguia,  
com todas as vidas,  
o esquema do Rosto.  
Verônica fria  
de Deus ou de gente?

### A AMIGA DEIXADA

Antiga  
cantiga  
da amiga  
deixada.

Musgo da piscina,  
de uma água tão fina,  
sobre a qual se inclina  
a lua exilada.

Antiga  
cantiga  
da amiga  
chamada.

Chegara tão perto!  
Mas tinha, decerto,  
seu rosto encoberto.  
Cantava — mais nada.

Antiga  
cantiga  
da amiga  
chegada.

Pérola caída  
na praia da vida;  
primeiro, perdida  
e depois — quebrada.

Antiga  
cantiga  
da amiga  
calada.

Partiu como vinha,  
leve, alta, sozinha,  
— giro de andorinha  
na mão da alvorada.

Antiga  
cantiga  
da amiga  
deixada.

### A MULHER E O SEU MENINO

*A Fernanda de Castro*

MULHER DE PEDRA,  
que é do menino  
que houve em teu doce  
braço divino,  
— nesse teu braço  
que ainda está preso,  
plácido e curvo,  
à eterna idéia  
de um vago peso?

“Vento do tempo  
me estremeceu:  
ele era pedra  
da minha pedra,  
mas nunca soube  
se era bem meu.

Vento do tempo  
passou por mim:  
foi-se o menino,  
deixou-me assim.  
Foi sem palavras.  
Tão pequenino,  
que ia falar?  
Talvez soubesse  
para onde é que ia.  
Eu não conheço  
senão meu peito:  
há outro lugar?



Têm vindo coisas:  
 não sei que são.  
 Coisas que cantam,  
 coisas que brilham.  
 Mas ele, não.  
 E era tão feito  
 só de ficar  
 que, embora longe,  
 sinto-o comigo:  
 meu braço é sempre  
 sua cadeira,  
 todo o meu corpo  
 seu espaldar."

Mulher de pedra,  
 que é do menino?

"Vento do tempo  
 quebrou meu seio  
 para o arrancar.  
 A mim, deixou-me.  
 A ele, levou-o.  
 (Há algum lugar?)

Desde o Princípio,  
 comigo vinha.  
 Meu Nascimento  
 nele nasceu.  
 Foi-se — por onde? —  
 tudo que eu tinha.

Ele era pedra  
 da minha pedra,  
 porém é certo  
 que nunca soube  
 se era bem meu..."

#### ORÁCULO

QUIETA CORUJA do bosque negro,  
 onde o azul-índigo e o verde-gaio?  
 Nos teus rios? No monte grego?  
 Ou na fenícia praia?

Agora, tarde. Mas, ontem, cedo.  
 Sonho: Citera. Rumo: Tessália.  
 Árvore exausta. Cansado remo.  
 Clássica luz de maio.

Ah! fuga antiga! Nas águas crespas,  
 oscilam juntos Políbio e Laio.  
 Sempre serpentes bebendo estrelas.  
 E um vento que desmaia.

Dança Eufrosina por cinzas tênues.  
 E a transparente sombra de Tália  
 move na areia seus vãos desenhos.  
 — Só nas nuvens Aglaia!

FIM  
 DE "VAGA MÚSICA"

A Carlos Queiroz



tino, 121; Quadras, 122; Noturno, 123; Origem, 124; Feitiçaria, 124; Marcha, 125; Epigrama n.º 10, 126; Onda, 126; Herança, 127; História, 127; Assóvio, 128; Personagem, 129; Estirpe, 130; Tentativa, 131; Cantiga, 131; Epigrama n.º 11, 132; Passeio, 132; Cantiga, 133; A Menina Enferma, 133; Desenho, 134; Timidez, 135; Taverna, 136; Pergunta, 136; Epigrama n.º 12, 137; Vento, 138; Miséria, 138; Metamorfose, 139; Despedida, 140; Epigrama n.º 13, 140.

## VAGA MÚSICA

Ritmo, 143; Epitáfio da Navegadora, 143; O Rei do Mar, 144; Mar em Redor, 144; Pequena Canção da Onda, 145; Canção da Menina Antiga, 145; Regresso, 146; Epigrama, 146; Agosto, 147; Música, 147; Canção Excêntrica, 148; Canção quase Inquieta, 148; Vigília do Senhor Morto, 149; Viagem, 150; Epigrama do Espelho Infel, 151; Exílio, 151; Canção do Caminho, 152; O Ressuscitante, 153; Recordação, 154; Inscrição na Areia, 154; Canções do Mundo Acabado, 154; Canção quase Melancólica, 155; A Doce Canção, 156; A Mulher e a Tarde, 157; Canção de Alta Noite, 157; Partida, 158; Embalo da Canção, 158; Em Voz Baixa, 159; Canção Suspirada, 159; Lembrança Rural, 160; Descrição, 160; Velho Estilo, 161; Velho Estilo, 162; Canção Mínima, 163; A Vizinha Canta, 163; Pequena Canção, 163; Cançãozinha de Ninar, 164; Embalo, 164; Ponte, 165; Visitante, 166; Gaita de Lata, 166; Despedida, 167; Tardio Canto, 167; Cantiga do Veu Fatal, 168; Pergunta, 169; Serenata ao Menino do Hospital, 169; Aluna, 170; Pequena Flor, 171; Memória, 171; Mau Sonho, 173; Retrato Falante, 173; Canção nas Águas, 174; Ida e Volta em Portugal, 175; Soliloquio no Novo Otel, 176; A Dona Contrariada, 178; Modinha, 179; Canção a Caminho do Céu, 180; Epigrama, 180; Edílio, 180; Soledad, 181; Canção do Carreiro, 182; Interlúdio, 183; Domingo de Feira, 183; Mexican List and Tourists, 184; Canção da Tarde no Campo, 186; Madrigal da Sombra, 186; Passam Anjos, 187; Campos Verdes, 187; Para uma Cigarra, 188; Encomenda, 188; Confissão, 189; Naufrágio Antigo, 189; Explicação, 192; Romancinho, 192; Rosto Perdido, 194; Elegia, 195; Reinvenção, 195; Canção do Deserto, 196; Lua Adversa, 197; Canção para Remar, 197; Chorinho, 198; Monólogo, 198; Fantasma, 199; Panorama, 199; Da Bela Adormecida, 200; Itinerário, 202; Canção dos Três Barcos, 202; Eco, 203; Imagem, 204; Cantiguinha, 204; Roda de Junho, 205; Rímance, 206; Deus Dança, 207; Despedida, 207; Trabalhos da Terra, 208; Amém, 208; Narrativa, 209; Alucinação, 210; A Amiga Deixada, 212; A Mulher e o Seu Menino, 213; Oráculo, 214.

## MAR ABSOLUTO E OUTROS POEMAS

MAR ABSOLUTO: Mar Absoluto, 219; Noturno, 221; Contemplação, 222; Prazo de Vida, 224; Auto-Retrato, 224; Vigilância, 226; Madrugada no Campo, 226; Compromisso, 227; Sugestão, 228; Museu, 229; Minha Sombra, 229; Irrealidade, 230; Romantismo, 231; Pastorzinho Mexicano, 232; 1.º Motivo da Rosa, 232; Convite Melancólico, 233; Desejo de Regresso, 234; Distância, 234; Este é o Lenço, 235; Canção, 237; Caramujo do Mar, 237; Mulher Adormecida, 238; Suspiro, 238; Prelúdio, 239; Lamento da Noiva do Soldado, 239; Instrumento, 240; Epigrama, 241; Por Baixo dos Largos Ficus, 241; Os Presentes dos Mortos, 241; 2.º Motivo da Rosa, 242; Suave Morta, 242; O Tempo no Jardim, 243; Diana, 243; Beira-Mar, 244; Evelyn, 244; Xadrez, 245; Doce Cantar, 246; Poema a Antonio Machado, 246; Realização da Vida, 247; Desapego, 247; Baile Vertical, 248; Balada do Soldado Batista, 248; Vimos a Lua, 249; Cavalgada, 250; Retrato Obscuro, 251; Pássaro Azul, 253; 3.º Motivo da Rosa, 253; Transição, 254; Romantismo, 254; Saudade, 255; Interpretação, 256; O

141

convalescente, 256; Surpresa, 257; Lamento da Mãe Orfã, 257; Transformações, 258; Caronte, 259; Madrugada na Aldeia, 259; Leveza, 260; Futuro, 260; Noturno, 261; Inibição, 261; Blasfêmia, 262; Carta, 265; Desenho, 265; 4.º Motivo da Rosa, 266; Obsessão de Diana, 266; Estátua, 267; Amor-Perfeito, 268; Os Mortos, 269; Pedido, 269; Noite no Rio, 270; Enterro de Isolina, 271; Cantar Saudoso, 271; Mulher ao Espelho, 272; Sensitiva, 272; Sobriedade, 273; Simbad, o Poeta, 274; Transeunte, 274; Domingo na Praça, 275; Aparecimento, 276; Lamento do Oficial por seu Cavalo Morto, 276; Guerra, 277; 5.º Motivo da Rosa, 278; Inscrição, 278; Viola, 278; Natureza Morta, 279; Os Homens Gloriosos, 279; Noite, 280; Constância do Deserto, 281; Cantar Guaiado, 282; Canção, 282; Evidência, 282; Turismo, 283; Trânsito, 284; Miraclara Desposada, 284; Acalanto, 285; Canção, 285; Mudo-me Breve, 286; Nós e as Sombras, 287; Anjo da Guarda, 287; Dia de Chuva, 288; Campo, 289; A Voz do Profeta Exilado, 290; Périplo, 290.

OS DIAS FELIZES: Os Dias Felizes, 292; O Jardim, 292; O Vento, 293; Visita da Chuva, 294; Chuva na Montanha, 295; Surdina, 295; Noite, 295; Madrugada, 296; As Formigas, 296; A Menina e a Estátua, 297; Tapete, 297; Pardal Travesso, 298; Jogo de Varanda, 298; O Aquário, 299; Edite, 300; Alvura, 301; Jornal, Longe, 301.

ELEGIA (1933-1937): 1. Minha primeira lágrima caiu dentro dos teus olhos, 302; 2. Neste mês, as cigarras cantam, 302; 3. Minha tristeza é não poder mostrar-te as nuvens brancas, 303; 4. Escuto a chuva batendo nas folhas, pingo a pingos, 304; 5. Um jardineiro desconhecido se ocupará da simetria, 304; 6. Tudo cabe aqui dentro, 305; 7. O crepúsculo é este sossego do céu, 306; 8. Hoje! Hoje de sol e bruma, 307.

## RETRATO NATURAL

Canção no Meio do Campo, 313; Ar Livre, 313; Apelo, 314; Cantata Matinal, 314; Desenho, 315; Melodia para Cravo, 316; Apresentação, 316; Canção quase Triste, 317; Cantarão os Galos, 317; Elegia a uma Pequena Borboleta, 318; As Valsas, 319; Vigília, 320; Palavras, 320; Pequena Meditação, 321; Cantata Vespertina, 322; Tempo Viajado, 323; Balada das Dez Bailarinas do Cassino, 324; O Enorme Vestíbulo, 325; Serenata, 326; Comentário do Estudante de Desenho, 326; Pranto no Mar, 327; Canção Romântica às Virgens Loucas, 327; Emigrantes, 328; Pássaro, 329; Canção, 329; Canção do Amor-Perfeito, 330; Improviso, 330; Canção, 331; Canção Póstuma, 331; Fui Mirar-me, 332; Canção, 332; Inclina o Perfil, 333; Sorriso, 334; Infância, 334; Comunicação, 335; Improviso, 335; Dia Submarino, 336; Retrato em Luar, 337; Improviso do Amor-Perfeito, 337; Canção, 338; Inscrição, 338; Pomba em Broadway, 338; Transformação do Dançarino, 339; Canção, 340; Canção do Amor-Perfeito, 340; Improviso para Norman Fraser, 341; O Ramo de Flores do Museu, 341; Os Gatos da Tinturaria, 342; Balada de Ouro Preto, 343; Ausência, 344; Improviso, 344; Caminho, 345; Entusiasmo, 345; Paisagem Mexicana, 346; Postal, 347; Desenho, 347; O Afogado, 347; Retrato de uma Criança com uma Flor na Mão, 349; Profundidade, 349; Resíduo, 350; Inscrição, 350; Faísca Prateada, 351; Canção, 351; O Rosto, 352; Tempo Celeste, 352; Ária, 353; O Impassível Marinheiro, 354; O Andrógeno, 355; O Principiante, 355; Canção, 356; Declaração de Amor em Tempo de Guerra, 357; Se Eu Fosse Apenas..., 357; Fragilidade, 358; Imagem, 358; Recordação, 359; Desenho Leve, 359; O Cavalo Morto, 360; Ramo de Adeuses, 361; A Flor e o Ar, 362; Pastora Descrida, 362; Canção, 363; A Alegria, 364; Os outros, 365; Presença, 366.

311